

## A caminhada no deserto (Ex – Dt)

### 1. O Antigo Oriente Médio e os patriarcas hebreus



O Antigo Oriente Médio era uma área de importância estratégica, junção entre os continentes da África, Ásia e Europa. Nessa região se desenvolveram duas das primeiras grandes civilizações da humanidade: Mesopotâmia e Egito. A Mesopotâmia estava sujeita às invasões de povos das montanhas e nômades do deserto, enquanto o Egito estava mais isolado e seguro.

O culto, nessa região, se concentrava na natureza. Os rios Tigre e Eufrates, na baixa Mesopotâmia, passavam por variáveis e imprevistas inundações. No Egito, ao contrário, havia um só rio, o Nilo, regular e previsível – isso infundiu nos faraós uma forte convicção de segurança que os elevou ao nível de deuses diante do povo. Os mesopotâmios tinham a impressão de que o destino de sua terra era decidido a cada ano pelos deuses e não por um Deus único, detentor do poder absoluto. O Egito, ao invés, considerava o seu mundo como resultado de um único processo criativo, assim como o Nilo era o único fator de sua economia. A autoridade do rei era absoluta e incontestável.

Pelos meados do segundo milênio a.C., uma seca generalizada, devido à mudança brusca do clima na região, colocou em movimento certos povos do sudoeste asiático. Entre esses forasteiros (*hapiru* – hebreus) nômades estava *Abraão* que, por volta do século XVIII a.C., deixa, juntamente com sua esposa e outros semitas, a região de Harã ou Ur e se estabelece em Canaã (Gn 11,31.12,1-5), onde depara-se com o pensamento e o estilo de vida próprio dos cananeus.

Com a instalação em Canaã inicia-se, também, o processo de inculturação. Adorador de *Sin* e *Ningal*, deuses locais de Harã, Abraão chega a Canaã e põe-se a serviço do deus local –

*El* – adorando-o. Até aqui Abraão não fez senão comportar-se como qualquer homem de sua época, troca de deus ao trocar de país. *Acontece, entretanto, algo que parece único na história das religiões*: esse Deus ao qual Abraão se dirige faz uma *aliança* com ele, num rito no qual lhe concede fecundidade como dom e fruto da *promessa* (cf. Gn 15,5-7.18; 17,1-14). Esse é o ponto de partida da fé para os *filhos de Abraão*: judeus, muçulmanos e cristãos.

Esse elemento é fundamental e destoante das tradições médio-orientais antigas: a forma de religião, baseada no *clã familiar* (“*Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó*” – Ex 3,6) escolhido livremente pelo *Deus único*, que com os primeiros pais faz uma *aliança* que perdura pelas gerações subsequentes, sem exigência alguma além da *fidelidade* ao Senhor, por parte dos eleitos, que dá à religião e à fé uma forte conotação histórica. O monoteísmo é original dos filhos de Abraão e constitui o forte elemento unificador da identidade desse povo através dos séculos.

## 2. O Êxodo – a experiência fundamental da religião de Israel

Dentre os livros que encontramos na Bíblia, o Êxodo se destaca por contar a experiência mais significativa de Israel, o mais relevante contato com o Senhor Deus e seu amor misericordioso que gera sua própria identidade: Israel é o povo de Deus, povo que Ele mesmo conduz, retira da escravidão e leva à liberdade. Deus tira Israel do Egito e o encaminha para a Terra Prometida – da escravidão à liberdade – das trevas à luz.

O livro do Êxodo pode ser esquematicamente dividido em seis partes:

a) da opressão à libertação – Ex 1,1-15,21
b) a caminhada no deserto – Ex 15,22-18,27
c) Aliança no Sinai – Ex 19,1-24,18
d) organização do culto e prescrições – Ex 25,1-31,18
e) ruptura e renovação da Aliança – Ex 32,1-34,35
f) execução das disposições de culto – Ex 35,1-40,38

Há, porém, outras formas de divisão do livro, para fins de estudos. Ficaremos com essa forma e nos deteremos nos dois primeiros pontos. Não é possível compreender a caminhada no deserto se não soubermos o que o povo de Israel foi fazer no Egito, nem como lá foi parar. Alguns pontos merecem um destaque. Faremos uma rápida memória de como o Israel chegou ao Egito e como de lá saiu.

## 2.1. José e o Egito

Os capítulos de Gn 37-50 são como que o prólogo do livro do Êxodo. José, filho de Jacó (=Israel), o filho predileto, é vendido, por seus irmãos enciumados, a um mercador em direção ao Egito. Lá, foi vendido a um alto funcionário do Faraó e, entre as mais diversas peripécias, chega também ele à corte egípcia. Torna-se o encarregado de toda a administração imperial, assumindo o posto de vice-rei do Egito.

Na época de uma aguda seca, toda a região passa por uma grande carestia de alimentos. Sua família, nas terras de Canaã, começa a passar fome e vai ao Egito em busca de comprar alimentos. Após sucessivos encontros, dá-se a conhecer a seus irmãos, que o julgavam morto, perdoa-lhes e faz vir morar nas terras egípcias seu pai e toda a família. Tal era o prestígio de José no reino. Sua administração garantiu segurança e prosperidade ao povo egípcio e também a toda a sua família.

No Egito, assim, fixaram-se os filhos de Jacó por um bom período de tempo, trabalhando na terra não como intrusos, mas como hóspedes bem-vindos. Verdica ou não essa narrativa, o fato é que o povo israelita foi para o Egito e lá organizou sua vida durante longos anos, pacificamente.

Contudo, *“surgiu no Egito um novo rei, que não conhecera José”* (Ex 1,8). Esse novo rei, vendo a prosperidade israelita, imputa-lhe trabalhos forçados, altos impostos... começa a época da opressão de Israel no Egito.

## 2.2. Moisés

As leis egípcias forçaram Israel a trabalhar pesado para o Faraó, dono de tudo no Egito – terras, rebanhos, plantações... Até mesmo a matança de recém-nascidos fora decretada para conter o aumento dos descendentes dos *hebreus*, os estrangeiros israelitas. Contudo, muitas crianças sobrevivem. Uma delas merece um destaque especial: *Moisés*, que, adotado pela princesa egípcia, recebe formação na corte, mas não esquece sua origem israelita; por matar um egípcio ao defender um israelita, é perseguido pelo Faraó, foge para a região de Madiã e lá começa uma nova vida (Ex 2,1-22).

*“Passado muito tempo, morreu o rei do Egito. Os israelitas continuavam gemendo e clamando sob dura escravidão, e, do meio da escravidão, seu grito de socorro subiu até Deus. Deus ouviu os seus lamentos e lembrou-se da aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus olhou para os israelitas e tomou conhecimento”* (Ex 2,23-25). Assim começa a delinear-se a maior prova de amor de Deus para com seu povo eleito: Deus desce para livrar seu povo da escravidão.

Porém, Deus não quer fazer as coisas sozinho – ele quer ajudantes nessa empreitada. E vai atrás de Moisés, no deserto de Madiã...

### 2.3. Deus revela seu nome

Quando se quer conhecer uma pessoa, a primeira coisa que se faz é saber seu nome. Deus chama Moisés pelo nome: *“Moisés! Moisés!”* (Ex 3,4). Diz também quem é: *“Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”* (Ex 3,6); diz o que veio fazer: *“Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel”* (Ex 3,7-8); diz o que quer de Moisés: *“Vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito”* (Ex 3,10); garante: *“Eu estarei contigo!”* (Ex 3,12) e, dessa forma, revela seu próprio nome: *“Eu sou aquele que sou”* ou *“Eu sou aquele que é”*, ou *“Eu sou aquele que serei”*, ou, ainda, *“Eu sou aquele que estou (aí, contigo)”* (Ex 3,14).

Essa questão relativa ao nome de Deus é muito importante. O termo hebraico utilizado se translitera no tetragrama YHWH, que, por sua vez, tem a pronúncia aproximada, com boas intenções, como *lahweh*, *Yahweh*, *Javé* ou *Jeová*. A pronúncia é aproximada, mas não literal. Por ser o alfabeto hebraico desprovido de vogais, a pronúncia exata do nome divino tornou-se desconhecida. Esse tetragrama seria uma variação do verbo “ser” que, em muitas outras línguas, equivale ao nosso verbo “estar”.

O que importa, contudo, conhecer a origem desse nome? Na verdade, o termo YHWH não possui, como se vê, uma tradução clara. Não possuir um nome exato, delimitado, impede que Deus seja determinado, conceituado. O nome de Deus é impronunciável! O que significa que não pode ser dominado pela inteligência humana – aquilo que não cabe na linguagem humana não pode ser conhecido, nem abarcado pela razão.

A antiga tradução grega da Bíblia traduziu a expressão hebraica na expressão em grego  $\text{Εγώ ειμι}$ , *“Eu sou”*. Ao se referir explicitamente ao nome de Deus, passou a usar, em vez do tetragrama יהוה, a forma *o Κυριος*, que se traduz por *“o Senhor”*. O termo *“Senhor”* designa, portanto, o próprio Deus, o soberano de todas as coisas. Assim, quando Jesus afirma, classicamente, no Evangelho, que *“Eu sou... o pão da vida (Jo 6,35), a luz do mundo (Jo 8,12), a porta das ovelhas (Jo 10,7), o bom pastor (Jo 10,11), a ressurreição e a vida (Jo 11,25), o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6)...”*, revela, assim, as faces do próprio Deus e afirma sua divindade – essas frases escandalizavam os judeus por causa disso. São Paulo, ao falar do *“Senhor Jesus Cristo”* (Rm 5,11;15,30;16,20; 1Cor 1,2-3.8.10;6,11;11,23; 2Cor 4,14;8,9;13,13; Gl 1,3;6,18; Ef 1,2-3.15;5,20;6,23-24; Fl 1,2;3,20;4,23; Cl 1,3;3,17; 1Ts

1,1.3;2,15.19;3,13;4,1;5,9.23; 2Ts 1,1-2.7-8.12;2,1.8.14.16;3,6.12.18; 1Tm 6,3.14; Fm 3.5.25, entre outras), afirma que Jesus é Deus e Senhor. Esse título, *Senhor*, era atribuído ao Imperador romano, o *protetor*, o *providente*, cultuado como um deus. Jesus, desse modo, é maior que o Imperador. O hino de Fl 2,6-11 expressa o sentido original e próprio da realeza de Jesus: a obediência fiel à vontade do Pai.

A expressão “*EU SOU*” não tem significado preciso, mas transmite uma bela mensagem: Deus é aquele que está conosco, Ele realmente se faz presente na caminhada humana. Esse pensamento se desenvolve em Ap 1,8: “Ele era, Ele é e Ele vem, o Senhor de tudo”!

#### 2.4. O êxodo – o povo foge sob a guia de Moisés e a proteção do Senhor

Moisés, após relutar com o Senhor (Ex 4,1-17), aceita a missão de conduzir os hebreus à liberdade. Procura Aarão e os anciãos de Israel para encontrarem-se com Faraó e pedir sua liberdade. O grande desafio de Deus e seu povo não é uma batalha contra os deuses egípcios (nem sequer mencionados no relato bíblico), mas seu maior obstáculo é a *dureza de coração do Faraó* (Ex 7,13.14.22;8,28;9,7.12.35;10,20.27), que não os deixa partir. O grupo dos israelitas, entretanto, não desanima – com a mão poderosa de YHWH e seus prodígios (Ex 7-12) eles saem da terra da escravidão.

Antes da fuga do grupo de Moisés, é instituída a *Páscoa*, a principal festa religiosa de Israel, a memória da saída do povo da escravidão do Egito, a ser celebrada de geração em geração (Ex 12-13), marcada pela ceia do cordeiro (Ex 12,1-14) e dos pães ázimos (Ex 12,15-20). O sangue do cordeiro sacrificado, sob a porta da casa dos israelitas, era o sinal que faria o *anjo exterminador passar adiante da casa* e não ferir os primogênitos. Nessa mesma noite o *povo saiu da terra para passar pelo mar a pé enxuto*. A derrota do Faraó na perseguição mar adentro (Ex 14,1-31) é obra da mão maravilhosa do Senhor! (Ex 15,1-13)

O Êxodo é um acontecimento sempre vivo. Deve ser lembrado sempre, perpetuado de geração em geração. É a história de um povo a caminho, de um Deus que caminha com o seu povo. Depois da saída, da euforia da vitória sobre os egípcios... é preciso ainda caminhar.

### 3. A caminhada no deserto

Israel enfrenta, agora, inúmeros desafios e dificuldades, em seu itinerário pelo deserto, rumo à Terra Prometida. Será este um processo de “educação para a liberdade”, que provocará rebeldia e murmurações, resultados da preferência por retroceder e acomodar-se à situação da escravidão, a ter que enfrentar os riscos, a empenhar-se e ser criativo, exigências para a formação da consciência de um povo livre.

Em meio a desafios e crises, quedas e ascensões, louvores e murmurações, Deus vai-se revelando, ainda que por caminhos tortuosos e o povo, por sua parte, vai procurando ler, nos eventos históricos, os sinais da divina presença restauradora e seu plano de salvação.

O povo de Deus, caminhando pelo deserto, enfrentará situações que põem em risco a própria sobrevivência, tais como a sede e a fome, mas experimentará, por outro lado, a mão prodigiosa de um Deus providente, em seu protagonismo libertador. Tal como um pedagogo, esse Deus conduzirá, ensinará e acompanhará o processo de educação de seu povo para a vida, o processo de maturação de Israel, numa relação dialogal e amorosa.

### *3.1. O deserto na Bíblia*

Antes de se consolidar a Aliança de Deus com seu povo, este é conduzido ao deserto. O deserto é lugar de carências, de vazio, de dúvidas, de tentação. Deserto é sinônimo de crise, de preparação, de aprendizado, de renovação. É lugar de purificação, de tomada de consciência do projeto de YHWH e de renovação de uma geração para assumi-lo com fidelidade. É o lugar do encontro do homem com Deus.

O deserto é, antes de tudo, risco positivo – pode tornar-se o lugar da intimidade e do diálogo. Deus, como pastor, guia seu rebanho pelo deserto (Sl 78,52). Os profetas veem o deserto como o momento do noivado do Senhor com Israel (Os 2,16-17). Assim, o deserto adquire um sabor diferente, é recuperado com saudade, como lugar solitário do amor de dois noivos. O ser humano, no deserto, desenvolve uma personalidade voltada ao essencial.

João Batista é, por excelência, homem do deserto. Ele se compreende como a própria “voz que clama no deserto: ‘Aplainai os caminhos do Senhor!’” (Jo 1,23). Também Jesus entende o sentido preparatório do deserto. Ele se retira para o deserto antes de iniciar sua missão messiânica. Nele, entra em profunda comunhão com o Pai e fortifica seu espírito. Como o povo do Êxodo, Jesus experimenta o frio e a solidão das noites e o calor causticante dos dias, a sede e a fome. Vencendo as tentações e posto à prova, Jesus sai fortalecido, pois, tentado, jamais colocou Deus à prova.

Deserto é, além disso, lugar de itinerância, de transição entre a escravidão deixada para trás e a Terra Prometida, que ainda não foi conquistada. No deserto, acampar e retomar a caminhada serão uma constante.

Acostumados à escravidão, os hebreus não aprenderam a ser livres. O deserto será a grande escola da liberdade, onde eles aprenderão a ser responsáveis consigo mesmos, criativos para lidar com as necessidades da caminhada, perseverantes na sua fé.

### 3.2. Os desafios da caminhada

#### 3.2.1. A falta de água e a sede – Ex 15,22-27.17,1-7

No caminho de três dias pelo deserto, a sede aperta. O terceiro dia era considerado o tempo da intervenção divina (Ex 19,10-11). A água é fundamental para a vida, é considerada bênção de Deus (Os 14,6; Sl 133). O povo murmura, pois a água é amarga, *Mara*. Moisés, então, intercede pelo povo, e o Senhor o escuta. Há aqui uma crise de liderança: o povo é posto à prova, bate a dúvida; mas Deus mostra que está presente junto a seu povo – na figura de seu pastor Ele continua a caminhar com Israel.

A água, na tradição judaica, é símbolo também da Aliança (como nas bodas de Caná – Jo 2,1-12). No Egito, diante do sistema opressor, a água da vida transformara-se em sangue de morte (Ex 7,20-21). No deserto há uma inversão: a água amarga da morte, na luta pela sobrevivência e liberdade, transforma-se em fonte de vida.

Mais caminhada e mais desafios aparecem. O povo discute, *Meriba*, põe Moisés e, nele, o poder do próprio Senhor, à prova, *Massa*. Israel faz sua reflexão sobre a própria caminhada através das provações sofridas. E aí, “O Senhor está no meio de nós, ou não?” (Ex 17,7). Surge no povo a dúvida, parece que Deus lhe abandonara. Mas foi só uma nuvem – o Sol continua a brilhar, Deus continua a prover as necessidades do seu povo. Neste momento, o povo parece duvidar se YHWH o queria mesmo livre, se ele está agindo conforme ou não à sua vontade.

Na tradição judaica, a rocha acompanhará os israelitas em toda a sua peregrinação no deserto. YHWH é o rochedo (Sl 18,3). Ao lado do símbolo da rocha, também o cajado ou bastão usado por Moisés tem lugar proeminente – simboliza o poder divino, que age por meio dele para proteger Israel (Ex 7,17;9,23;10,13;14,16;17,5;17,9).

#### 3.2.2. A fome e a tentação do acúmulo – Ex 16,1-35

Os fugitivos foram se ajeitando como dava, na nova realidade em que se encontravam. Agora há a escassez da comida. Recomeçam os murmúrios. O sofrimento do momento distorce a memória do passado. O Egito, lugar da dura opressão, agora, no deserto, vira o lugar da fartura, da carne e do pão – parece que o povo sente saudade da escravidão e tem medo da liberdade. Mas YHWH escuta os lamentos de seus filhos que reconhecem, depois, a mão providente do Senhor nos alimentos do deserto – as codornizes e o maná.

As *codornizes* eram aves migratórias que, ao voltar de um certo período na Europa, exaustas, eram facilmente abatidas por homens e animais na região desértica entre o Egito e Canaã. O *maná* era um alimento mais curioso (“*Man hu?* Que é isso?” – Ex 16,15), que pode ser explicado de duas formas plausíveis: 1) era a resina de uma árvore existente na região

central do Sinai, parecido com uma semente de coentro. Colhido, era moído cozido e servia para o preparo de bolos; 2) era uma secreção de insetos que se alimentavam da resina de uma árvore típica da região. O importante aqui é, contudo, destacar que o povo de Deus revê e relê nesses fatos a providência especial de Deus para consigo.

Contudo, uma tentação ronda e é preciso tomar cuidado: o *acúmulo*. Todo poder centralizador é nocivo à comunidade. Quem quer muito para si esquece da necessidade dos outros. O acúmulo da riqueza que escraviza, do poder que massacra e a ambição desmedida são fatores que geram desigualdade, exploração e opressão. Era assim no Egito. Não deve ser assim em Israel.

A colheita do maná devia obedecer a uma distribuição igualitária: todos tinham direito a igual porção, de tal modo que não faltasse para ninguém e nem sobrasse de ninguém. Em vista disto, era proibido acumular qualquer excedente que produzisse o senso de posse e desigualdade.

A catequese de Jesus sobre o Reino de Deus, nas parábolas de Mt 13,1-52, é imediatamente sucedida pelo gesto fundamental da partilha, na multiplicação dos pães (Mt 14,13-21). O modo próprio de ser de Deus é partilha – Ele nos concede, antes de tudo, a vida, por amor, gratuitamente.

A colheita do sexto dia marca uma nova etapa da vida dos israelitas: o *sábado*, o dia do descanso, deve ser consagrado ao Senhor e não absorvido em tarefas e trabalho. O sábado simboliza a passagem de uma vida escrava a uma vida livre, em que o ser humano tem o direito de se refazer do trabalho cotidiano. O mundo da técnica e do lucro cria a imagem ilusória do mundo que “nunca dorme”, que gera o lucro desmedido e a miséria irremediável.

### 3.2.3. O conflito externo – Ex 17,8-16

O combate de Israel contra Amalec deu-se na entrada do grupo de Moisés nas divisas do território cananeu – uma hostilidade que atrasa o projeto da tomada da Terra Prometida. Mas aqui também a mão do Senhor se manifesta.

Havia, antes, dificuldades internas ao grupo – murmurações e dúvidas quanto à presença do Senhor, seu projeto de libertação e a liderança de Moisés. Agora surge um novo problema: um inimigo externo. Dissemina-se entre o povo peregrino o sentimento de pertença, a identidade como tal. Sem isso, não é possível enfrentar o inimigo. YHWH, o Deus da caminhada, liberta e protege seu povo.

Essa concepção de *guerra santa* se dá a partir da mentalidade da lei do puro e do impuro e do combate à idolatria, centro de preocupações da religião judaica nascente à época



da redação do texto bíblico (pós-exílio babilônico). Exterminar o inimigo é remover a impureza do meio de Israel. É essa visão fundamentalista que legitima o massacre.

Preconceitos devem ser colocados à parte: o Senhor, Deus da liberdade, é também um Deus de paz. Não a *pax romana*, baseada na dominação e extermínio dos povos, mas o *shalom*, a plenitude de todos os bens. Deus quer que superemos nossas diferenças étnicas, culturais, econômicas... e construamos um mundo de iguais, respeitando a individualidade característica do espírito humano.

Uma coisa já começa a se delinear nesse episódio – há o espaço da *ação* e o espaço da *oração*. Uns lutam, outros rezam – as funções devem ser divididas, partilhadas. Um ajuda o outro e o inimigo, seja qual for, é derrotado. A bandeira do Senhor é a união das forças!

#### 3.2.4. *As relações familiares – Ex 18,1-12*

Nossa vida é construída com a presença de muitas pessoas. Vivemos numa teia de relacionamentos e ninguém vive sozinho: precisamos uns dos outros. O modelo familiar do antigo Israel realçava isso de forma clara.

A unidade social básica era o *clã*, uma espécie de família ampliada, constituída de duas ou mais famílias com várias gerações. Uma casa chegava a ter entre cinquenta e oitenta pessoas. Todos os membros participavam ativamente das diferentes tarefas da subsistência e da manutenção da casa.

Infelizmente, esse modelo social gerava desigualdades, era altamente excludente. A maior vítima de tal exclusão era a mulher, subordinada direta e totalmente a seu pai ou marido, como posse sua. O papel público da mulher inexistia.

Os homens entram na tenda e oferecem sacrifícios a Deus (Ex 18,12), mas ficam de fora a mulher e as crianças – são impuros. O sistema patriarcal e teocrático marginaliza a mulher. Sua função se restringe a pastorear rebanhos, buscar água nos poços, cozinhar, tecer, ajudar nos partos e satisfazer as necessidades sexuais dos homens. A lei, que deveria unir, divide, subjuga, escraviza.

Deus, no princípio, criara homem e mulher complementares entre si: a mulher é retirada da costela do homem (Gn 2,22), simbolizando sua igualdade – eles devem caminhar lado a lado, pois ambos são imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27)!

#### 3.2.5. *A descentralização do poder – Ex 18,13-27*

Moisés era o homem de Deus (Dt 34,10-12). Seu chamado ímpar não significava, contudo, que deveria assumir sozinho as responsabilidades de organização e provisão das

necessidades do povo israelita. O velho sogro de Moisés dá a ele uma preciosa dica: dividir as tarefas, partilhar o poder.

A voz da experiência de Jetro começa a promover a autonomia do povo: o poder dividido, a responsabilidade compartilhada leva a um maior compromisso com a causa da libertação. Cada grupo e, assim, todo o povo, passa a ser responsável por suas próprias decisões, pelos caminhos escolhidos, pelos rumos tomados.

A justiça é o critério básico do bom servidor do povo de Deus, daquele que caminha à frente de seus irmãos, mostrando o caminho de Deus, caminho de vida e liberdade, partilha e justiça, fé e comunhão.

#### **4. Israel: povo eleito, povo da Aliança**

A *eleição* é expressão do amor de YHWH (Dt 4,35-38; 7,6-8), é promessa de Deus e responsabilidade humana (Ex 19,4-6). Por ele, Israel se torna povo consagrado (Dt 14,2), propriedade de Deus; por isso, deve reconhecer somente o Senhor como Deus e guardar seus mandamentos (Ex 15,26; Dt 4,39-40;7,11).

A eleição comporta uma promessa, ratificada numa Aliança: com Noé (Gn 9,9.11), com Abraão (Gn 15,18;17,4), com Moisés e o povo de Israel (Ex 24, 1-11). Cada uma tem seu próprio sinal visível: o arco nas nuvens (Gn 9,13), a circuncisão (Gn 17,10-11), a Arca e as tábuas da Lei (Ex 25,10-22).

Após receber as instruções da Lei (Ex 20,1-17;21,1-23,33), Moisés e o povo celebram a Aliança com YHWH pelo rito da aspersion do sangue do holocausto e pelo banquete do sacrifício (Ex 24,3-11). Essa instituição perene se fará na história e na memória de Israel.

A Aliança não deve ser encarada como mero gesto simbólico ou ritual. Não pode ser esvaziada em um código legislativo como qualquer outro. A Lei do Senhor é “lâmpada para os pés e luz para o caminho” (Sl 119,105) de Israel, gravada nos corações e transmitida a todas as pessoas em todos os lugares e tempos (Dt 11,18-21).

À ideia de povo eleito não se pode ligar a de “único povo”, uma exclusividade. Israel é nação santa e sacerdotal como sinal para as nações, como luz de fé no Deus verdadeiro, para todas as nações (Is 42,6).

#### **5. O pecado contra o Senhor: a idolatria**

O grande perigo do encontro cultural cananeu e israelita é o sincretismo religioso. Os escritores sagrados querem evitar a substituição do Deus por um ídolo (falso deus), têm a

preocupação de defender o monoteísmo da fé de Israel em YHWH. O risco da idolatria é grande na região devido aos cultos de fertilidade amplamente realizados em honra de Baal e Astarte. São passagens emblemáticas:

- **Ex 20,4-5:** proibição da fabricação de ídolos
- **Ex 25,17-21:** mandato de fabricação das imagens dos querubins do propiciatório
- **Nm 21,6-9:** mandato de fabricação da serpente de bronze

O sentido das imagens cristãs está na linha da serpente de bronze, segundo a explicação dada em Sb 16,7: *“quem se voltava era curado, não por aquilo que via, mas por ti, salvador de todos”*. Nos sinais da história dos homens, o grande desafio é reconhecer a mão salvadora do Senhor. É a vida humana, mas a graça provém só do Senhor.